

**ESPORTE NA EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR: possibilidades educacionais**

NEUENFELDT, Derli Juliano<sup>1</sup>

**RESUMO**

A Educação Física escolar para atingir seus objetivos educacionais pode utilizar-se de diversos conteúdos, tais como o jogo, a dança, a luta, a ginástica. No entanto, o esporte é o conteúdo que predomina. O esporte segundo Santin (1996a) reflete os valores de uma cultura de uma determinada ordem social. Portanto, o esporte atual, que se originou a partir do final do séc. XVIII e início do séc. XX, absorveu as características do avanço do modelo científico e, conseqüentemente, da revolução industrial, que trouxeram o rendimento, a especialização, a técnica perfeita, o vencer a qualquer custo. Dessa forma, neste ensaio, pretende-se refletir e demonstrar situações a cerca de como se pode trabalhar com o esporte nas aulas de Educação Física de maneira que venha a contribuir educacionalmente, desenvolvendo valores como a honestidade, a dignidade, a cooperação e a solidariedade. Propõe-se também que o esporte seja ensinado para nossos alunos de forma atrativa e provido de sentido, que seja fonte de alegria e prazer, para que os mesmos o incorporem e continuem a praticá-lo pelo resto de suas vidas, e que todo professor de Educação Física escolar, enquanto educador, deve ter sempre claro que tipo educação o esporte deve priorizar.

**Unitermos:** educação física, esporte, valores educacionais.

---

**ABSTRACT**

**SPORT IN SCHOOL PHYSICAL EDUCATION: EDUCATIONAL  
POSSIBILITIES**

In order to achieve its educational purposes, the Physical Education can use a wide range of contents, such as games, dancing, fight and gymnastics. However the sport is the subject that prevail. According to Santin (1996a) the sport shows the values of a culture in a specific social organization. Therefore, the actual Sport that proceeded from the end of XVII century to the begging of the XIX century it absorbed the characteristics of the progress of the scientific model and consequently the characteristics of the Industrial Revolution that brought the search for better yield, specialization, the most suitable technique, to win at any cost. In such case in this work we intent to reflect and to show situations concerning the manners by which we can work with the sport in Physical Education classes, so that it can contribute to the

---

<sup>1</sup> Mestrando do Programa de Ciência do Movimento Humano – Subárea Pedagogia do Movimento Humano.

education, developing values such as honesty, dignity, cooperation and solidarity. We also propose that the sport be taught to our students in an attractive way and supplied with meaning, that it be a happiness and pleasure, in order to the students incorporate it and keep exercising it for the rest of their lives. In order to make it happen every Physical Education teacher, being an educator, must know what kind of education he should give preference.

**Uniterms:** physical education, sport, educational values.

A sociedade capitalista na qual se vive, que nos tornou prisioneiros de sua ideologia econômica, mais precisamente da busca pelo lucro e acúmulo de bens materiais, deseja um ser humano conformado com suas condições de vida e escravo de seu trabalho; que a tempo deixou de ser prazeroso ou realização pessoal. Além disso, quer um homem que trabalhe para atender suas necessidades básicas como alimentação, moradia e as de consumo impostas pelos meios de comunicação. Dessa forma, o ser humano entra em um ciclo vicioso, no qual é obrigado a adequar-se a determinadas regras sociais para sobreviver, como competir para conseguir um emprego, isolar-se das horas agradáveis com familiares e amigos para complementar sua renda familiar com algum biscoito, colocar sempre a razão acima dos sentimentos e render mais em menor tempo possível. No entanto, quanto mais o homem produz, quanto mais dinheiro possui, mais necessidades artificiais são criadas portanto, nunca tem dinheiro o suficiente.

Muitas áreas de conhecimento vêm discutindo e analisando a sociedades atual. Pode-se dizer, que áreas como a psicologia, a sociologia, a antropologia, a filosofia, têm buscado resgatar o sentido da palavra indivíduo, que é originário da palavra indiviso, ou seja, que não é divisível. Vive-se uma época em que severas críticas são feitas ao modelo de cientificismo, mais precisamente as ciências naturais e exatas, que prega a objetividade, a especialização, a racionalidade, a fragmentação e a neutralidade das emoções, implantado na sociedade moderna por Galileu e reforçado por Descartes a partir do séc. XVIII. Estas críticas ocorrem porque este modelo de cientificidade, não está suprindo as necessidades dos seres humanos, que são acima de tudo, sociais e afetivas.

A Educação Física, como uma área de conhecimento, vem tentando estabelecer-se a partir da década de setenta. Porém, hoje, não podemos afirmar, caso ela venha a firmar-se como um nova área de conhecimento, se caracterizar-se-ia como uma ciência natural ou como uma ciência social. Por outro lado reconhece-se que a Educação Física, enquanto prática de atividades físicas ou como disciplina curricular, tem inestimável valor para a vida do ser humano, podendo contribuir

tanto em aspectos relacionados à saúde, como na estética, na sociabilização, na educação, enfim, para uma melhor qualidade de vida. Além dessas contribuições, há na Educação Física escolar os discursos “críticos-transformadores” que buscam fazer dela um espaço de construção de um ser humano autônomo, crítico, consciente e transformador, que fuja do modelo de cientificidade acima descrito. No entanto, a dificuldade de desenvolver este ser humano é imensa, pois essas características vão contra o tipo de homem que a nossa sociedade capitalista quer, contra o nosso sistema de governo e, muitas vezes, contra a própria organização funcional da escola.

Para alcançar seus objetivos educacionais, a Educação Física escolar utiliza-se de vários conteúdos. O esporte é o que se encontra hegemonicamente nas aulas, que segundo Santin (1996a) é um fenômeno social que reproduz os valores da sociedade em que está inserido. Além disso, os alunos das aulas de Educação Física escolar também já estão embutidos nos valores da sociedade em que vivem e passam, na maioria das vezes a querer jogar apenas o esporte de alto nível, que possui regras definidas e inalteráveis, privilegia a especialização, o rendimento, a mecanização de movimentos, o vencer a qualquer custo.

Analisando a colocação acima pode parecer que estamos querendo banir o esporte da Educação Física escolar, mas não é isso que se quer. Neste ensaio, pretende-se demonstrar como o esporte pode contribuir positivamente na formação dos nossos alunos, como podemos conduzi-lo para aproveitarmos educacionalmente as situações que ele nos oferece. Quando nos referimos ao esporte queremos deixar claro que concordamos e defendemos a posição de Gonçalves (1994), que aponta para o fato de o esporte ser uma realização humana, cuja origem está na necessidade de brincar, de exteriorizar o movimento em convivência e confraternização com outras pessoas.

Para se alcançar os objetivos propostos, vamos iniciar com a nossa compreensão de Educação Física e, em seguida, relacionaremos o esporte com o contexto histórico-social. Para finalizar, iremos levantar questões referentes às possibilidades educacionais através do esporte na Educação Física escolar.

### **Compreensão de Educação Física**

Inicialmente, queremos deixar claro que, pelo envolvimento com seres humanos, a Educação Física não deve ser limitada, mas ter certa flexibilidade para adequar-se às necessidades das pessoas. De acordo com Canfield & Neuenfeldt (1998) e Neuenfeldt (1997) as pessoas, tanto leigas em Educação Física como profissionais da área, confundem-se quanto ao entendimento que possuem de Educação Física com a contribuição que ela pode oferecer. Para evitar esse equívoco, por Educação Física, entendemos a prática sistematizada de atividade física, exercício

físico, jogos, lutas, dança e esportes, que sejam desenvolvidos de forma consciente, ou seja, que tenham uma intenção na ação e objetivos a serem alcançados. A consciência do que se está fazendo pode ser pessoal, se o indivíduo possui autonomia de conhecimentos específicos sobre Educação Física, ou pode estar na orientação de um profissional da área.

Acreditamos, em termos de contribuição, que além dos benefícios fisiológicos e estéticos, através da Educação Física, o ser humano tem a possibilidade de sentir, experimentar, vivenciar a si mesmo, descobrir seus limites e a relacionar-se com seus semelhantes e com o mundo. A Educação Física como práxis educativa, que é o foco deste estudo, para Gonçalves (1994), deve ter o objetivo de formar a personalidade do aluno mediante a atividade física, de modo a torná-lo capaz de enriquecer e organizar a sua vida pessoal. Também deve estar inserido numa luta política pela transformação social, buscando também a mudança de consciência, desenvolvendo a autonomia, a capacidade de decisão, a auto-confiança, a cooperação, a criatividade e a sociabilidade.

Além disso, em termos motores, a Educação Física escolar, deve oferecer através da prática das mais variadas formas de movimentos (jogos, dança, lutas, esporte, exercícios físicos, ginástica,...), a possibilidade de o aluno crescer humanamente, com consciência de si mesmo, de suas capacidades físicas, da importância da Educação Física para sua vida, do porquê e como fazê-la. Para tais benefícios serem alcançados a atuação do professor de Educação Física escolar é indispensável na orientação das atividades e na escolha dos conteúdos. Isso, devido ao fato de que nossos alunos (crianças e adolescentes) não possuem o conhecimento suficiente sobre Educação Física, pois a criança ainda não possui sua personalidade formada e o adolescente está no início de sua consolidação. Também é da responsabilidade do professor de Educação Física desenvolver os conteúdos de forma planejada, ou seja, com objetivos, metodologia adequada e avaliando o aprendizado do aluno. Os objetivos devem ser estabelecidos de forma coerente com o desenvolvimento, com a maturação do aluno e cronologicamente, não esquecendo do contexto histórico-cultural, para que o aluno percorra dentro da escola um aprendizado que o oportunize a, quando sair da escola, continuar praticando a sua Educação Física.

Torna-se necessário que, através da disciplina de Educação Física, o aluno aprenda os padrões básicos de movimento (correr, saltar, arremessar,...) até a 4ª série, para a partir daí podermos iniciar um trabalho de iniciação esportiva, sem esquecermos dos demais conteúdos, oferecendo até o final do ensino fundamental, vivências no maior número possível de atividades físicas. No ensino médio, podemos desenvolver um trabalho de aperfeiçoamento das modalidades esportivas, ginástica, dança e luta, e acentuar o processo de conscientização dos alunos quanto a importância

da Educação Física para a sua vida. Dessa forma, estaremos internalizando nos alunos o “hábito da prática” de atividade física regular. Mas, para isso, os alunos, ao saírem da escola, devem ser capazes de estabelecerem os objetivos de sua prática, que pode vir a ser o lazer, a saúde, a estética ou até mesmo como profissão, no caso de atletas. Mas esta internalização do “hábito da prática” só irá ocorrer se o aluno perceber um sentido nos conteúdos desenvolvidos, se ele conseguir perceber o valor desse aprendizado para a sua vida.

Portanto, se o professor de Educação Física conseguir mostrar o valor dela aos seus alunos e se conseguir proporcionar a eles vivências no maior número possível de atividades, podemos estar certo de que terá cumprido, quanto a questão motora, o seu papel de educador físico. O que não podemos admitir é que o nosso aluno, após mais de dez anos de Educação Física escolar, saia sabendo praticar apenas uma ou duas modalidades esportivas, que muitas vezes não necessitam de um professor de Educação Física para ensinar, como é o caso do futebol que se aprende nas ruas, nos parques, nos quintais. Por isso, acreditamos que é compromisso da Educação Física escolar oferecer conhecimentos para que o aluno, ao sair da escola, seja capaz de praticá-la sem a orientação de um professor de Educação Física. No entanto, para o professor de Educação Física ser considerado um educador na sua plenitude, a aprendizagem oferecida deve extrapolar as técnicas esportivas, o simples aspecto motor, ir além do movimento em si. Este aspecto iremos abordar quando, mais a frente, falarmos no esporte na Educação Física escolar.

#### **Esporte: passado, presente e perspectivas para o futuro.**

Atualmente, o esporte prevalece como principal conteúdo da Educação Física escolar. Não há como negá-lo a nossos alunos (nem teria pelo quê) e por isso, temos que refletir e tentar compreender este fenômeno social para trabalhar melhor com ele.

O esporte participa direta ou indiretamente das nossas vidas, possui espaço garantido em todos os jornais, em horários nobres da TV, estando presente nas atividades de lazer, em competições de alto nível e nas aulas de Educação Física. Mas que esporte é este? Quais as suas características?

Os esportes, nos diz Santin (1996a), são reproduções de valores de uma cultura de uma determinada ordem social em que se encontram inseridos e têm como objetivo introduzir seus praticantes nestas ordens sócio-culturais, (no nosso caso, o capitalismo) ficando evidente o seu valor educativo. Mas, acrescenta que cabe a nós julgarmos se é esse tipo de educação que pretendemos desenvolver. Da mesma forma Cagigal (1981), também percebe que o entendimento do que seja o esporte em si, de seus objetivos, de suas metas, está ligado diretamente com a organização histórica,

que reflete a sua estruturação.

Realmente, o esporte reflete a ideologia de uma sociedade. Os jogos esportivos gregos tinham essência religiosa e mítica, reflexo dos valores da época que, segundo Santin (1996b), pertencem a uma sociedade escravista. No entanto, Elias (1992), acredita ser difícil dizer se o esporte atual, surgido nos séculos XVIII e XIX na Inglaterra, é algo novo ou se trata do reaparecimento dos antigos jogos gregos. Mas, identifica como diferença significativa o fato de que na antigüidade, as regras para acontecimentos atléticos “duros”, como o pugilismo, admitiam um grau de violência maior que hoje, sendo forjadas no costume, enquanto que nos nossos dias elas são escritas, sujeitas explicitamente a um criticismo racional e a serem revistas.

A dúvida de Elias (1992) é quanto ao esporte atual ser originário dos jogos gregos ou não. Em nossa análise, ocorre porque sob determinado ponto de vista, persistem certas semelhanças entre eles. O esporte na antigüidade, oferecia um espetáculo para o povo que ia assistir a degradação dos combatentes. Hoje, as pessoas também vão aos estádios ornamentadas com faixas, emblemas, vestuário de seu time, com a camiseta de seu ídolo, para verem um espetáculo. Percebe-se ainda, que quanto mais agressivo o esporte for, mais atraente ele se torna, como no caso do boxe, das artes marciais e do hóquei no gelo. Outra semelhança é que o esporte dos gregos ocorria em locais adequados, em enorme arenas ou coliseus, que assemelhavam-se aos nossos estádios, onde os desportistas apresentavam-se para enfrentar feras, duelar com outras pessoas, o que deixa claro o caráter de disputa. Esse caráter de disputa, conforme escreve Elias (1992), fazia parte do tipo de civilização que existia na antigüidade, onde ser morto ou gravemente ferido, e talvez ficar até incapacitado pelo resto da vida, era um risco que o lutador deveria correr, pois o indivíduo grego deveria estar preparado para a defesa de sua família, para vingar algum familiar morto, ou seja, para atacar e defender-se.

A disputa permanece como característica do esporte e embora não seja objetivo atingir o adversário, muitas vezes a integridade física ou moral do adversário não é preservada, sendo freqüente a presença de lesões, fraturas, luxações e palavrões, principalmente em esportes como o futebol, basquetebol, handebol, hóquei e nas lutas, cujo contato corporal faz parte do jogo. Diante deste quadro poderíamos nos perguntar: o que tem o esporte que fascina tanto as pessoas?

A quebra da rotina que, segundo Cagigal (1981) é uma forma de variar, dar uma pausa na vida e o inesperado, ou seja, o fato de não sabermos o que pode acontecer, qual vai ser o resultado do jogo, podem ser causas que levem as pessoas a terem uma satisfação pessoal no esporte, tanto como praticantes quanto como telespectadores. As pessoas também vêem nele uma forma de expulsarem suas tensões do dia-a-dia, de se relacionarem e de se descontraírem. Os telespectadores realizam-se vendo seus ídolos fazendo jogadas inacreditáveis. O fascínio pelo esporte também

po de estar no fato de ele proporcionar espaço para as pessoas realizarem coisas que não são permitidas no dia-a-dia, como por exemplo, um torcedor pode que chamar o juiz de “filho da .....”. Será que, se isso acontecesse na rua ou numa repartição pública ficaria impune? Os atletas também liberam as suas tensões no esporte. Isso nós vemos quando realizam jogadas que põem em risco a integridade física de seus adversários e que são punidos, (quando o são) através de uma advertência verbal ou pela expulsão do jogo. Esses comportamentos agressivos, tanto de torcedores quanto de jogadores, explica Marinho (1984), ocorrem porque os esportes disputados nos estádios constituem uma válvula de escape para a tensão acumulada do labor, ou das vicissitudes ou de angústias das mais variadas.

Retornando à história, na Idade Média, período compreendido do séc. V até o séc. XIV, o corpo passa a ser menosprezado, entendido como a morada do espírito, devido a forte influência da teologia que privilegia o espírito. Para ser aceito por Deus o indivíduo deveria renunciar aos prazeres da carne. Esta época, conhecida como período das trevas, da obscuridade, foi também para o esporte um período negro, pois como o esporte poderia ser uma forma do ser humano encontrar alegria, prazer, de sentir-se vivo pela satisfação carnal, não teve incentivo para sua prática. Todavia, os esportes ligados as “artes militares” como a esgrima, os combates de cavaleiros, eram realizados, pois tinham o propósito de defesa dos castelos e de preparação para a guerra. Isto fica evidente em Santin (1996b), ao afirmar que existiram os famosos torneios da Europa medieval que obedeciam fielmente ao modelo de sociedade feudal.

O esporte volta a salientar-se a partir do final do século XIX, sendo retomado os jogos olímpicos em 1896, período em que tornam-se mundiais. O esporte passa novamente a refletir os valores da sociedade, que agora privilegia o trabalho, a cientificidade e a razão. Então que esporte nós temos hoje? O esporte atual é um fenômeno que surgiu com a Revolução Industrial e com o crescimento do capitalismo, vindo a assumir as características de uma mercadoria, um meio de atingir os objetivos dos donos dos capitais (Languillaumie, 1978; Brohm, 1989; Elias, 1992). Os jogadores passam a treinar para alcançarem melhores resultados: surge o dopping, o profissionalismo, tudo em busca do rendimento e do lucro. Para During (1996), o desporto passou de amador à profissional, de instituição marginal e pouco valorizada em instituição central e muito valorizada, de forma que, muitas vezes parece ter um significado religioso, na medida que tornou-se uma das principais, senão a principal fonte de identificação, significação e gratificação da vida das pessoas.

São percebidas modificações no esporte da modernidade e uma dessa mudanças foi a perda da sua essência lúdica. Cagigal (1981), deixa bem claro que o esporte tem que ter ar de festa, ser uma maneira alegre e euforizante de viver e, acima de tudo, manter o lúdico. Mas o que se vê, é que o esporte tornou-se ócio

comercializado, assumindo os valores do “esporte espetáculo” que busca o campeão, o record. Para Santin (1996b: p. 21), “não há mais o praticante de atividades desportivas, nascidos da criatividade do impulso lúdico, no interior de uma ordem cultural. Temos o atleta universal, elaborado nos laboratórios das ciências e moldados pelos exercícios da técnica”. Fica a pergunta: será que não deveríamos resgatar as possibilidades lúdicas do esporte?

Para conseguirmos resgatar o lúdico, Pinto (1996) nos propõe irmos buscar indícios, nas memórias guardadas no corpo, nas lembranças das mais distantes gerações, até mesmo na pré-história, para podermos modificar os valores vigentes hoje no esporte, vindo a desenvolver o corpo desportista brincante. Reforçando, não poderíamos deixar de citar Huizinga (1973) e a sua obra “Homo Ludens”, na qual, aponta que o jogo, o lúdico, o brincar fazem parte da essência do ser humano, portanto nós temos apenas que despertar esses sentimentos que estão adormecidos.

Acreditamos que esta seja uma das nossas principais funções. Nós, professores de Educação Física, temos que resgatar o sensível das pessoas, o lúdico do esporte, para atribuímos um maior significado para o esporte em suas vidas, pois se ele reproduzir os valores da seriedade do trabalho, pode vir a não ser mais praticado. Se as pessoas não tiverem prazer em praticar o esporte, ele será descartado de suas vidas. Elas não irão sair de suas casas para praticarem esporte, se ele não lhes for atrativo, mas apenas uma maneira de descarregarem suas tensões do trabalho em forma de agressão. No entanto, isso só será possível, segundo Daring (1992), se o desporto for desenvolvido como um meio de criação de excitação agradável, em busca da destruição da rotina, como uma forma de lazer, se transformarmos o desporto num meio de identificação coletiva, formando a idéia de pertencer ao grupo ou estar fora dele, e se o desporto emergir como uma fonte decisiva de sentido na vida das pessoas.

### **Educação Física Escolar e Esporte**

O esporte é um conteúdo da Educação Física escolar que não pode ser negado a nossos alunos porque faz parte do nosso contexto social e por poder contribuir para o desenvolvimento do ser humano. No entanto, devemos refletir sobre como devemos trabalhar o esporte na escola, qual a sua contribuição, o que, através dele, podemos oferecer para a educação de nossos alunos.

Obviamente que, por trás da prática do professor de Educação Física, está a sua concepção de ser humano e de educação, que influenciará na forma como irá desenvolver o esporte. Acreditamos que, independente de ideologia, a Educação Física escolar possui espaço e tempo para proporcionar um aprendizado significativo para nossos alunos. Nós, como professores de Educação Física, temos que mostrar

aos nossos alunos a possibilidade de adequar as regras dos esportes, para que todos tenham condições de participar. Concordamos, neste aspecto, com Santin (1996 a: p. 19) ao nos sugerir que *“é a educação que deve definir o esporte e não o esporte ser o elemento principal da educacionalidade, caso queiramos que a força pedagógica esteja na ação educativa e não na prática esportiva”*.

Podemos modificar as regras do esporte, mas não podemos deixar de ensinar o gesto esportivo correto, pois o aluno tem que sentir-se capacitado a praticar qualquer modalidade esportiva sem precisar envergonhar-se da sua execução, pois devemos lembrar que após o aluno deixar a escola, nem sempre terá a possibilidade de alterar as regras do esporte, nem sempre terá um professor para mediar a prática e ele pode ser discriminado pelos demais praticantes se não “souber jogar”. Temos também que incentivar e encaminhar à entidades competentes todos os alunos que gostam de praticar esporte e que desejam se aperfeiçoar, tornar-se atletas e que querem fazer do esporte sua profissão. No entanto, é nosso compromisso alertá-lo das reais possibilidades de vir a tornar-se um atleta profissionalmente reconhecido, mostrando as dificuldades e as probabilidades de êxito.

No entanto, nós, como professores de Educação Física escolar, devemos sempre ter claro que o objetivo da aula de Educação Física não é o treinamento dos nossos alunos, mas sim que ela deve ser um local de aprendizado, de solidariedade, de participação de todos, onde prevaleça a alegria e, acima de tudo, que o aluno seja tratado como ser humano. Mais uma vez recorremos a Cagigal (1981), que deixa claro que a eficiência física é um dos objetivos menores dentro da educação desportiva, pois temos que educar o homem em seu corpo, para que ele seja consciente das suas limitações e capacidades, capaz de descobrir e experimentar suas possibilidades relacionais, comunicativas e expressivas de seu corpo. Por isso, a aula de Educação Física deve diferenciar-se de um treinamento, pois pelo fato deste último ser seletivo, busca rendimento máximo, valoriza a especialização e a vitória a qualquer preço, pode vir a discriminar e desrespeitar os indivíduos que dele participam.

A competição está muito presente em nossas vidas, está na busca de uma vaga para estudar na universidade, está na busca de um emprego, encontra-se no esporte de alto nível, assim como é transferida para a Educação Física escolar. Todavia, nesta última, a competição deve ser colocada como um elemento de desafio, um meio de incentivar o aluno a jogar. Para isso devemos sempre, ao realizarmos um jogo esportivo em nossas aulas e formos dividir os alunos, fazer times o mais equivalentes possíveis, pois assim, na busca da vitória, os alunos aprenderão o valor da cooperação, buscando através da união de suas forças, (daquele que joga bem com o que joga mal) um bom resultado.

O esporte, pela sua dinâmica de jogo, pelas situações que se apresentam no seu decorrer como a vitória, a derrota, a infração, oferece ao professor de Educação

Física elementos para trabalhar questões educacionais que extrapolam o aprendizado do esporte em si. Vamos exemplificar algumas situações para clarear essa afirmação. No momento em que as regras do jogo são estabelecidas, que podem ser determinadas pelos alunos ou não, elas devem ser respeitadas para que o jogo ocorra e haja um entendimento entre os jogadores. Muitas vezes, o aluno, no entusiasmo e na vontade de vencer, pode tentar ocultar determinada conduta incorreta que cometeu. Mas é papel do professor de Educação Física chamar a atenção do aluno e discorrer sobre o ocorrido para a turma. Não é uma questão de buscar ridicularizar o aluno perante os outros, mas sim uma questão ética que pode ser trabalhada, uma questão de dignidade, de sinceridade, de respeito pelos colegas, que pode vir a influenciar no futuro cidadão que irá tornar-se esse aluno, podendo vir a ser mais um que pensa em “levar vantagem em tudo” ou pode ser alguém que venha a ser respeitado pela sua dignidade e que busque construir um mundo melhor para viver.

Outra situação que é comum ocorrer em jogos escolares é a briga entre alunos quando ocorre uma infração que afeta a integridade física ou moral do aluno. Não que devemos concordar com a briga ou incentivá-la, mas o aluno agredido está no seu direito de reagir à agressão que sofreu, pois está sendo desrespeitado enquanto ser humano. Portanto, devemos conscientizar os alunos para evitarem de cometer faltas, pois elas não devem ser usadas em benefício do resultado final. Neste sentido, Lovisolo (1996), nos coloca que deveríamos resgatar o velho valor esportivo do *fair-play*, em que os jogadores mesmo na busca da vitória não podem esquecer as regras e as atitudes de respeito físico e psicológico com os praticantes que são apenas adversários, jamais inimigos, que precisamos para o nosso próprio prazer em jogar. Portanto, devemos aproveitar essas situações para levantar questões com nossos alunos sobre até que ponto, para se evitar um gol, uma cesta ou mais um ponto, uma infração deve ser feita, sendo que ela pode por em risco a integridade física de nosso colega?

Também, devemos trabalhar na Educação Física escolar a questão de ganhar e perder. Obviamente que ganhar é bom, mas a vitória somente é possível se houverem derrotados, portanto, menosprezar ou ridicularizar os perdedores não é uma atitude digna a ser feita e além disso, segundo Cagigal (1981), uma coisa é a busca da vitória inerente a toda competição, outra é ter que ganhar acima de tudo. Para evitarmos tais comportamentos, devemos despertar a sensibilidade existente em todo ser humano, pois conforme Santin (1996a), o jogador sensível é capaz de perceber que a sua festa de vitória tem o custo da humilhação, pela derrota dos outros.

Atualmente, conseguir despertar esta sensibilidade está tornando-se cada vez mais difícil, devido ao tipo de sociedade individualista e competitivista em que vivemos, que reprime cada vez mais nossos sentimentos. A dificuldade de as pessoas

aceitarem a derrota, de verem a atividade esportiva como lúdica, para During (1992), pode estar relacionada com o nosso processo de civilização, que impõe a seriedade nas formas de participação do desporto, de modo que o indivíduo moderno mais civilizado está menos apto a participar espontaneamente e sem inibições, do que seus antepassados que viveram num sistema de interdependência social menos complexa e constrangedora. Acrescenta que, se os jogadores participam de um jogo como se fosse algo sério, o nível de tensão é elevado, a rivalidade hostil também eleva-se tanto entre equipes quanto dentro delas, o jogo parece tornar-se um confronto real e os jogadores acabam desrespeitando as regras, por realizarem atos de jogo desleal.

Os espectadores, segundo During (1992), na medida que identificam-se com as equipes que apoiam, tornam-se menos capacitados a enfrentar a derrota com seriedade de espírito. Assim, podem agir de forma a procurar afetar o resultado do jogo, como por exemplo até invadir o campo. Nesse caso, exemplos de violências cometidas por torcedores não nos faltam, ocorridas tanto nos estádios do Brasil, quanto da Argentina, da Inglaterra, da França. Prova disso, foram os *hooligans*, que nos deram uma amostra na última copa do mundo de futebol, na França. Exemplo como esse, pode ser discutido na Educação Física escolar, tentando-se conscientizar o aluno quanto ao verdadeiro sentido do jogo, o da convivência com os outros, o prazer de expressar-se corporalmente, de saber valorizar uma boa jogada mesmo que seja de seu adversário, mostrando que o prazer deve estar em jogar e não apenas no resultado final.

Poderíamos discorrer vários outros exemplos que as situações do jogo nos oferecem para intervirmos educacionalmente, como quando o aluno quer trocar de time durante o jogo quando está perdendo, como fazer para que os menos habilidosos também participem. Mas, acima de tudo, acreditamos que o objetivo de fazer refletir sobre as possibilidades de educar através do esporte na escola foi alcançado.

### **Considerações acerca do tema**

O objetivo deste trabalho não foi de oferecer nenhuma receita, pronta e acabada, sobre como devemos trabalhar o esporte na Educação Física escolar, mas despertar a reflexão acerca do compromisso educacional do professor de Educação Física ao desenvolver o esporte na escola. Sabemos que o esporte reflete os valores da sociedade em que se encontra inserido, por isso os alunos irão cobrar do professor de Educação Física o esporte segundo as regras oficiais. Mas, além de ensinar essas regras e a forma correta de praticar o esporte, podemos também mostrar a possibilidade de modificá-las no jogo para que todos tenham vez, tentando demonstrar que o prazer

deve estar em jogar e não apenas em vencer.

Acreditamos que o esporte, mesmo sendo jogado dentro das regras oficiais, pode possibilitar ao professor de Educação Física trabalhar valores educacionais como o respeito, a sinceridade, a dignidade, a cooperação e a solidariedade. No entanto, a nossa luta deve ser por resgatar o lúdico, que está cada vez mais reprimido no esporte e na sociedade do trabalho que vivemos. Sabemos que com o crescimento da industrialização e da informatização, juntamente com a diminuição do espaço físico nas cidades, as pessoas acabaram perdendo seus espaços para realizarem suas atividades físicas e modificaram seus hábitos de vida. Além disso, as pessoas estão sendo introduzidas no campo de trabalho cada vez mais cedo, muitas vezes ainda crianças, perdendo suas possibilidades criativas, sensitivas, pois o espaço construtivo de convívio com a família e amigos foi diminuído. A partir do ingresso no mercado de trabalho, a criança, o adolescente e o adulto, passam a viver atrás do tempo, pois tempo é dinheiro e quanto mais render, melhor. Então, após anos de trabalho, essas pessoas se aposentam, buscam recuperar o tempo perdido, mas muitas vezes são desvalorizados pela própria sociedade, por não serem mais produtivas, passando a se isolarem do mundo.

Dessa forma, atualmente, na sociedade, as pessoas possuem oportunidades para despertar e vivenciar o lúdico? Acreditamos que na Educação Física escolar podemos resgatar o lúdico e o esporte pode servir para tal proeza. No entanto, para que o esporte seja incorporado na vida de nossos alunos, ele deve ser atrativo e provido de sentido e, antes de tudo, deve ser fonte de alegria e prazer, jogado em busca da satisfação pessoal, independente de vencer ou perder. Se assim for, o esporte se fortalecerá cada vez mais como uma forma de o homem fugir da seriedade imposta pela sociedade, vindo a perpetuar-se através do tempo.

Para finalizar esta reflexão devemos nos perguntar: Qual o tipo de educação que o esporte deve priorizar? Pode-se educar o físico, adestrar seres humanos, ensiná-los a serem insensíveis e a lutarem com todas as suas forças, esquecendo a dor e de quem está jogando a seu lado ou na equipe contrária, em busca da vitória. Ou podemos educar para a vida, buscar desenvolver o esporte como uma confraternização, onde o ser humano percebe que está dentro de um contexto histórico-cultural, que a sua vida só faz sentido pelo convívio harmonioso com outras pessoas e que as suas necessidades não precisam ser pré-destinadas pela mídia ou pelo tipo de valores que permeiam na nossa sociedade capitalista. Quando escolhermos uma destas respostas devemos fazer a nós mesmos mais uma pergunta: que tipo de educador sou eu?

**REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS**

- BRHOM, J. **Sport: A prison of measured time**. 2ª e. Paris: Christian Bourgoes Editerer, 1989.
- CAGIGAL, J. M. ; **Oh Deporte! (Anatomia de um Gigante)**. Colección KINÉ de Educacion y Ciência Desportiva. Spain. Editorial Miñón.1981
- DUNNING, E. A dinâmica do desporto moderno: notas sobre a luta pelos resultados e o significado social do desporto. In.: **A Busca da Excitação**. Memória e Sociedade. Lisboa: DIFEL, 1992.
- ELIAS, N. A gênese do desporto: um problema sociológico. In.: **A Busca da Excitação**. Memória e Sociedade. Lisboa: DIFEL, 1992.
- GONÇALVES, M. A S. **Sentir, pensar e agir: corporeidade e educação**. Campinas, SP: Papyrus, 1994.
- HUIZINGA, J. **Homo Ludens: O jogo como elemento da cultura**. São Paulo: Perspectiva/Editora da USP, 1971.
- LANGUILLAUMIE, P. Para uma crítica fundamental del deporte. In: "PARTISANS". **Deporte, cultura y represión**. Barcelona. 1978.
- LOVISOLO, H. O Princípio da Cooperação. In.: **Memórias**. Ministério Extraordinário dos Esportes. Rio de Janeiro: Editora Central da Universidade Gama Filho, 1996.
- MARINHO, I. P. **Introdução ao estudo da filosofia da educação física e do desporto**. Brasília: Horizonte. 1984.
- NEUENFELDT, D. J. & CANFIELD, M. S. Educação Física: o que é ou para quê? **Anais do III Seminário Interisntitucional de Ensino, Pesquisa e Extensão & I Mostra de Iniciação Científica**. Cruz Alta: UNICRUZ, outubro de 1998.
- NEUENFELDT, D. J. A Educação Física brasileira possui identidade ou identidades? **Monografia não publicada**. Curitiba: Universidade Federal do Paraná, dezembro de 1997.
- KINESIS, Santa Maria, n.21, 1999.

PINTO, L. M. S. de M. A Busca do Corpo Esportista Brincante. In.: **Esporte com Identidade Cultural: coletânea**. Publicações INDESP. Brasília: Instituto Nacional de Desenvolvimento do Desporto, 1996.

SANTIN (a), S. Esporte co-educação: em busca de princípios que possibilitem pensar a co-educação do esporte. In.: **Memórias**. Ministério Extraordinário dos Esportes. Rio de Janeiro: Editora Central da Universidade Gama Filho, 1996.

SANTIN (b), S. Esporte: Identidade Cultural. In.: **Esporte com Identidade Cultural: coletânea**. Publicações INDESP. Brasília: Instituto Nacional de Desenvolvimento do Desporto, 1996.